

Knut Heim, Provérbio, Aula 10, Provérbios 10 - 5 Variantes Clusters

© 2024 Knut Heim e Ted Hildebrandt

Bem-vindo à palestra 10 sobre o livro bíblico de Provérbios. Até agora, tenho ensinado que nos concentramos principalmente nos capítulos 1 a 9 de Provérbios e, nas duas últimas palestras, examinamos um tema que se estende por todo o livro, ou seja, o tema do ensino da prosperidade em o Livro de Provérbios, como se tornar financeiramente rico. Nesta palestra, quero começar a examinar os diferentes tipos de materiais, especialmente nos capítulos 10 a 29 de Provérbios, onde agora temos um tipo diferente de disposição dos materiais.

Nos capítulos 1 a 9, tivemos 10 palestras intercaladas com diversos discursos da Senhora Sabedoria, os chamados interlúdios de sabedoria. Nos capítulos 10 a 29, temos em grande parte sequências de ditos independentes gramatical e sintaticamente independentes que são autocontidos em si mesmos e que geralmente não estão gramaticalmente ou sintaticamente conectados ou relacionados com os versos circundantes antes e depois. Há alguns anos, acho que foi em 2013, quando publiquei um livro, que acabou sendo bastante robusto, sobre repetições de variantes no Livro de Provérbios.

Nesta palestra em particular, quero examinar uma seção deste livro que nos ajuda a compreender a natureza desses provérbios individuais, creio eu, de uma maneira nova e muito interessante e emocionante que nos ajuda a ler esses materiais. com imaginação e também com clara atenção aos detalhes. Então, o que eu quero fazer é apresentar uma leitura imaginativa desses materiais de ditos proverbiais, em oposição aos materiais de palestras que vimos até agora. Farei isso destacando uma série de questões discutidas no Capítulo 6 do meu livro, onde estou particularmente analisando uma série de provérbios que têm a ver com diligência.

Ou seja, Provérbios 6, versículo 8, Provérbios 30, versículo 25, e Provérbios 10, versículo 5. A razão pela qual os escolhi é porque o capítulo 10, versículo 5, faz parte do conjunto de versículos iniciais bem no início deste livro. nova coleção de Provérbios de Salomão, como nos é dito no Capítulo 10, versículo 1. Acredito que o versículo 5 é parte de uma estratégia editorial deliberada para apresentar esses ditos individuais como uma nova coleção e para nos ajudar em como ler esses versículos que são ditos independentes e autocontidos. No entanto, para lê-los como partes de pequenos agrupamentos, eu os chamo de agrupamentos proverbiais, geralmente entre 3 e 10 versos ou mais, principalmente entre 5 e 8 versos. Existem nada menos que sete repetições de variantes diferentes.

Ah, provavelmente eu deveria dizer algo também sobre repetições de variantes. Portanto, além dos Provérbios no capítulo 10, versículo 5, veremos 6, 8 e 3, 25

porque as três afirmações nesses três versículos são muito semelhantes. Parecem ser o que chamo de repetições variantes umas das outras.

Eles são semelhantes o suficiente para serem reconhecidos como variantes um do outro e como repetições, mas também são diferentes entre si em aspectos característicos. E nesta seção, vamos olhar para isso, e vamos olhar para as repetições de variantes e como elas são diferentes e semelhantes e assim por diante, mas com o objetivo de compreender a função editorial e as estratégias de leitura que precisamos para explorar o materiais nos Capítulos 10 a 29. Então, deixe-me lê-los no capítulo.

Há nada menos que sete repetições variantes diferentes, incluindo seis dos 19 versículos do Capítulo 6, uma proporção de 31,6%. Toda a primeira metade do versículo do Capítulo 6, versículo 8, é repetida na segunda metade do versículo do Capítulo 30, versículo 25, com uma mudança do singular para o plural nas formas verbais iniciais e nas formas de sufixo dos substantivos finais. Deixe-me ler esses versículos para você. Ela, que é a tia, prepara a sua comida no verão e recolhe as suas provisões na colheita, 6, 8. As tias são um povo sem forças, mas preparam a sua comida no verão.

Então, ambas as afirmações têm a ver com as tias e com elas preparando comida no verão, mas em 6.8a, é uma tia, e em 30.25b, são várias tias. Quero também comparar isso com 10, versículo 5, onde também temos alguém preparando comida no verão, mas este não é uma tia, mas sim um filho. Deixe-me ler.

O filho que faz a colheita no verão é prudente, mas o filho que dorme na colheita traz vergonha. E podemos ver aqui nesta variante de interações de repetição que, claro, as ilustrações da tia preparando a comida no verão são realmente ilustrações e exemplos, modelos, para seres humanos, para rapazes e filhos, agirem de maneira semelhante, ser diligente. Em Provérbios, capítulo 6, versículo 8, cada item da primeira metade do versículo tem um termo correspondente na segunda.

Aqui está, então, um exemplo em que as categorias tradicionais de paralelismo estrito parecem aplicar-se. O versículo parece ser um exemplo de paralelismo sinônimo. Na tradução para o inglês, os elementos correspondentes têm esta aparência.

Ele prepara. Ele reúne. No verão. Na colheita. É comida. Suas disposições.

O paralelismo tem uma contrapartida. Uma comparação mais detalhada dos itens correspondentes revela, contudo, que a categoria sinônimo não é especialmente útil. Os únicos itens que são sinônimos no sentido geral estão no último conjunto das listas, seus alimentos e suas provisões.

Embora os intérpretes que trabalham a partir das premissas do paralelismo preciso possam ter visto isto como um exemplo particularmente bem equilibrado de paralelismo, poucos consideraram a natureza precisa das relações paralelas entre os itens individuais. No entanto, a natureza dos outros dois conjuntos listados acima pode ser descrita com mais precisão do que usando a designação aproximada e pronta como sinônimo. O verão e a colheita são comparáveis porque ambos descrevem uma estação do ano.

Enquanto o primeiro se concentra nas diferenças meteorológicas entre as estações, o segundo se concentra na relevância agrícola do calendário. Não são sinônimos, pois o verão refere-se simplesmente a uma estação do ano sem um foco particular. Os aspectos dessas estações que vêm à mente são as características meteorológicas, um momento agradável para viajar e aproveitar a brisa noturna do final do dia.

A hora de capinar e regar as plantações em crescimento. O momento de preparar o campo e de algumas culturas para semear a semente do próximo ciclo agrícola. Os últimos aspectos, é claro, são as características relevantes aqui e são enfatizados através da palavra preparar.

Em contrapartida, a palavra colheita centra a atenção num aspecto agrícola específico da época. É o momento de colher os frutos do trabalho e de reunir os mantimentos necessários à sobrevivência da comunidade. A colheita, então, corresponde ao verão sem ser sinônimo ou antitético.

Os dois termos são complementares na medida em que colheita confere maior precisão ao termo verão. O conhecimento do clima e do ciclo agrícola em Israel demonstrará como. O resumo de Richard Clifford no seu comentário fornece a informação necessária, e passo a citar, a Palestina tem apenas duas estações, o Verão seco, de Abril a Setembro, e o Inverno chuvoso, de Outubro a Março.

Chuva e neve são praticamente desconhecidas no verão. A época da colheita pode ser a colheita da cevada em abril a maio ou a colheita do trigo quatro semanas depois, ou a colheita dos frutos, incluindo azeitonas e uvas, no final do verão e início do outono, como em Isaías 16, versículo 9, citação final. O principal ponto a extrair desta informação é que a colheita em Israel ocorre em três períodos distintos, todos durante os meses de verão.

Isto significa que o verão e a colheita se sobrepõem em significado em alguns aspectos, mas têm focos diferentes no que diz respeito ao empreendimento agrícola. A escolha da designação colheita para se referir à estação centra-se na importância do verão como aquela estação para fazer os preparativos necessários para garantir uma colheita abundante. Da mesma forma, as palavras preparar e reunir são complementares e não sinônimas.

O oposto direto de juntos seria espalhar. Os dois termos referem-se à semeadura e à colheita, atividades que juntas descrevem o ritmo do empreendimento agrícola. Preparar comida, porém, é uma referência mais genérica que pode se referir às atividades provisórias das formigas congruentes com a metáfora.

No que diz respeito aos seres humanos, também pode referir-se a uma gama mais ampla de atividades, como arar o campo, manter sistemas de irrigação, capinar e tratar pragas e doenças. A questão de tudo isto é que o leitor ou ouvinte não é simplesmente instado a semear, isto é, a fazer o mínimo absoluto para sobreviver. Até os preguiçosos sabem que não há colheita sem semeadura.

Em vez disso, os jovens apressados são incentivados a não economizar no trabalho de base adequado, para que o verdadeiro sucesso possa ser assegurado. Passo agora para Provérbios 30, versículo 25. Há duas maneiras de analisar o paralelismo aqui.

A primeira, impondo a tradicional categoria de paralelismo antitético, categorizaria a expressão de um povo sem forças e que recolhe os seus alimentos no verão como antitética num sentido lato. A equivalência seria então, na tradução inglesa, formigas mas sem equivalente, e um povo sem forças e que recolhe o seu alimento no verão. É duvidoso, se realmente tomarmos estas como correspondências, que elas possam realmente ser chamadas de paralelas.

É certo que existe uma certa correspondência porque as duas afirmações, um povo sem forças e que recolhem os alimentos no verão, contrastam de alguma forma entre si. Mas isso só entra em foco no nível contextual dos versículos circundantes. O versículo por si só não é constituído por paralelismo.

Em vez disso, o paralelismo no capítulo 30, versículo 25, funciona nos níveis inter e translineares dos versículos circundantes, versículos 24 a 28. Considerarei isso em alguns minutos com mais detalhes quando olhar para o contexto mais amplo de ambos. esses ditos. Passo agora para Provérbios 10, versículo 5. Incluo-o aqui para comparação porque tem algumas semelhanças significativas com as outras duas variantes deste conjunto, embora não seja, estritamente falando, uma repetição variante.

O versículo costumava ser considerado um paralelismo antitético. Dois conjuntos destes teriam então sido considerados antónimos, e um conjunto destes teria sido sinónimo, de acordo com este paradigma tradicional. Os três conjuntos de expressões correspondentes são reunidos, em oposição a dormir, no verão, em comparação com durante a colheita, e filho competente, em contraste com filho vergonhoso.

Começamos com alguns comentários sobre juntos e dormir. Conforme mencionado acima na discussão de 6.8, o antónimo, ou para ser mais preciso, o oposto de juntos

é espalhar. Esses dois termos referem-se à semeadura e à colheita, atividades que juntas descrevem o ritmo do empreendimento agrícola.

Portanto, dormir claramente não é um antônimo direto de juntos. No entanto, o primeiro conjunto de termos contrasta entre si no nível de toda a frase, uma vez que o sono implica que o sol na segunda metade do versículo não faz a colheita. Mas a oposição é imprecisa, e esta imprecisão transmite, creio eu, um excedente de informação.

O sono implica mais do que a ausência de atividade laboriosa, mas sugere preguiça e prioridades erradas. Alguns comentários sobre o verão e a colheita podem esclarecer ainda mais esses versículos. Como mencionado anteriormente, o conhecimento da relação entre o clima e o ciclo agrícola em Israel é útil para a interpretação destes versículos.

Para obter detalhes, lembro o que Clifford disse na citação que compartilhei anteriormente. A colheita em Israel ocorre em dois a três períodos distintos durante os meses de verão. Isto não significa que a época do verão seja igual à época da colheita, mas significa que a época da colheita ocorre durante o verão.

O fato de o capítulo 10, versículo 5, falar da colheita no verão, então, significa que, em contraste com o capítulo 6, versículo 8, o foco está no verão como sendo a época da colheita, e não em todas as outras atividades também. Vale ressaltar que esse foco não é criado pela correspondência entre verão e colheita no nível do paralelismo, mas pela combinação do verão com o verbo juntos. Da mesma forma, os dois termos filho competente e filho vergonhoso não são antônimos.

O antônimo de competente seria incompetente, e não vergonhoso. Por outro lado, o antônimo de vergonhoso seria honroso, não competente. A natureza imprecisa da oposição entre os dois termos não é, contudo, uma falha no paralelismo.

Pelo contrário, aumenta a quantidade de informação que a linha poética pode transmitir, porque os contrastes imprecisos implicam os seus respectivos antônimos na meia linha oposta. O filho competente é, por implicação do capítulo 10, 5b, também um filho honrado. E o filho vergonhoso é, por implicação, também um filho incompetente.

Passo agora aos contextos de Provérbios capítulo 6, 8 e Provérbios 30, 25. Provérbios 6, 8 pertence a uma unidade mais longa, versículos 6 a 11. Estruturado em torno do apelo inicial, vá até a tia, no singular, seu preguiçoso, considere seus caminhos e seja sábio, a passagem se divide em duas subunidades distintas, mas conectadas, sobre o comportamento da tia e suas consequências, versículos 6 a 8, e o comportamento do preguiçoso e suas consequências, nos versículos 9 a 11.

O sujeito dos verbos em 6, 8 é a tia, singular coletivo, no capítulo 6, versículo 6, que também serve de antecedente para o singular da expressão sua comida. Consequentemente, as características que distinguem 6, 8 da sua contraparte em 3, 25 são condicionadas pelo contexto. Da mesma forma, a segunda metade do verso é influenciada pelo impacto pragmático que o poeta-editor pretendia alcançar.

Esta unidade poética incita o aluno a aprender a diligência contemplando o exemplo de visão e diligência automotivada da tia, e sua auto-suficiência implícita. Sua visão, diligência e autossuficiência são enfatizadas e ilustradas através do paralelismo em 6, 8, onde as duas meias-linhas se espelham, mas também se complementam ao descrever todo o ciclo agrícola para os humanos através do empreendimento da tia modelo. Isto contrasta com a vulnerabilidade e a pobreza que ameaçam o preguiçoso.

Consequentemente, a forma do segundo meio-verso em 6, 8, muito diferente da sua contraparte em 3, 25, também é condicionada pelo contexto. A unidade é um locus para repetição de variantes porque metade de seus versos ocorre em outro lugar. Além de 6, 8a, que reaparece em 30, 25b, um quadrante inteiro de quatro meias-linhas reaparece em Provérbios 24, 33-34.

Como já mencionado acima, ou anteriormente, o paralelismo no capítulo 30, versículo 25, funciona nos níveis inter e translineares dos versículos circundantes 24-28 no capítulo 30. Aqui está uma tradução dos cinco versículos. Quatro coisas na terra são pequenas, mas são extremamente sábias.

As formigas são um povo sem forças, mas no verão fornecem seu alimento. Os texugos são pessoas sem poder, mas constroem suas casas nas rochas. Os gafanhotos não têm rei, mas todos marcham em fileiras.

O lagarto pode ser agarrado com a mão, mas é encontrado nos palácios dos reis. Os cinco versos juntos formam um ditado numérico, e os elementos paralelos se relacionam linha a linha. Após a linha introdutória no versículo 24a, há quatro outras declarações paralelas nas primeiras meias linhas dos versículos 25-28.

Quatro coisas na terra são pequenas. As formigas, os texugos, os gafanhotos, o lagarto. As segundas meias-linhas nos quatro versos também contêm linhas paralelas.

Após a linha introdutória no versículo 24b, há outras quatro declarações paralelas. Eles são extremamente sábios. Eles fornecem comida no verão.

Eles fazem suas casas nas rochas. Todos eles marcham em fileiras. É encontrado nos palácios dos reis.

A ligação entre as várias meias-linhas é forte. Há paralelismo interlinear de uma linha para outra e paralelismo translinear entre os versos. O todo de 30-25b é equivalente ao valor semântico da força de uma única palavra em 30-25a.

Isto equivale a um paralelismo que tradicionalmente teria sido descrito como sintético. Mas agora pode ser visto como um paralelismo em que a segunda meia linha se expande em apenas uma palavra, a última, na primeira meia linha. Esta análise resulta tanto numa reavaliação do impacto do paralelismo neste verso como numa apreciação da estratégia poética de destacar a intenção comunicativa do verso e do contexto envolvente para enfatizar a força, que é adquirida através da diligência e da previsão, apesar destes fortes sendo os seres bastante pequenos, moldados para se conformarem com os requisitos do ditado numérico, com sua linha inicial, quatro coisas na terra são pequenas, mas são extremamente sábias.

O versículo fala de formigas no plural, o que ocasionou a forma verbal plural e o sufixo do pronome plural que o distinguiu de sua contraparte variante em 6-8a. Novamente, as características que distinguem 6-8a de sua contraparte em 30-25b são condicionadas pelo contexto. Mais significativamente, a segunda metade do verso radicalmente diferente é moldada mais para se conformar às segundas meias-linhas dos versos circundantes do que para se conformar ao paralelo no próprio verso.

Como mostram os paralelismos translineares que acabamos de explorar. Consequentemente, a segunda metade do verso é influenciada pelo impacto pragmático que o poeta-editor pretendia ter. E agora vá para o capítulo 10, versículo 5, nosso terceiro provérbio nesta sequência.

Este é o versículo final de um conjunto proverbial. Capítulos 10, 1-5, que seguem imediatamente após o título editorial Provérbios de Salomão à Segunda Coleção Principal em 10.1-22.16 no Livro de Provérbios. Assim, pode servir como uma introdução à coleção semelhante ao êxodo das palestras de Provérbios 1-9 que discutimos anteriormente.

Essa sugestão ganha peso especialmente porque há um agrupamento de repetições de variantes no início das novas coleções. Provérbios 10.1, 2, 5, 6, 8, 10, 11, 13 e 15. Isso equivale a 53% dos primeiros 15 versículos de Provérbios 10.

Se isto estiver correcto, a forma de 10,5, particularmente a forma como difere de 6,8, também pode ter sido influenciada pelo contexto. Isto leva a uma segunda conclusão. Provérbios 10.5 e o arranjo específico em que se encontra agora são o resultado da mesma estratégia editorial que moldou os materiais introdutórios nas palestras de Provérbios 1-9.

Existe uma estratégia editorial abrangente que emprega deliberadamente repetições de variantes ao longo do livro. E assim vemos um plano maior emergindo. E isso também sugere que 10.1-5 pertence aos últimos estágios da formação do livro, ligando o material de Provérbios 10-31 com a coleção introdutória dos capítulos 1-9.

A justificativa para essas sugestões é agora apresentada. A natureza deste material e da segunda coleção é diferente dos capítulos 1 a 9, como já observamos, com quase todos os versículos consistindo em provérbios independentes. Portanto, a disposição dos versículos é diferente da maior parte do material dos capítulos 1 a 9.

Grupos de provérbios, como 10.1-5, estão ligados através de vários tipos de repetições, especialmente repetições de palavras-chave, em vez de fenômenos sintáticos, sintáticos ou gramaticais evidentes. Não é de surpreender, portanto, que não haja consenso sobre se existem ou não agrupamentos conscientes deste tipo, nem sobre que significado tais agrupamentos podem ter para a interpretação dos provérbios individuais, se a sua existência fosse admitida. Discuti estas questões com alguma profundidade numa monografia publicada em 2001 intitulada *Like Grapes of Gold Set in Silver*.

Dois comentários recentes sobre o Livro dos Provérbios, nomeadamente de Trempe Longman e Bruce Waltke, representam os dois lados opostos do debate. Longman, no seu comentário de 2006, argumentou contra agrupamentos coerentes. Mencionarei seus três argumentos mais relevantes para a presente discussão.

Um quarto argumento que discutirei daqui a pouco. A primeira é, cito, que há muitos provérbios quase idênticos no livro. Ele se refere ao que chamo de repetições variantes.

Para Longman, cito, parece lógico que os provérbios tenham sido acrescentados ao longo do tempo, seja individualmente ou em grupos. A suposição de Longman, então, é claro, é que estes foram adicionados aleatoriamente, enquanto eu defendo que foram adicionados deliberadamente como uma estratégia editorial para todo o livro. O segundo e o terceiro argumentos são encapsulados em uma única frase de Longman.

Passo a citar que os critérios de associação são tão amplos e variados que diferentes estudiosos continuarão a criar unidades diferentes. Fim da citação. A segunda objecção é que os critérios de associação são tão amplos que os agrupamentos podem ser impostos a praticamente qualquer material, por mais desarticulado que seja.

O terceiro argumento é que os estudiosos que favorecem agrupamentos deliberados, como, por exemplo, Bruce Waltke e eu, continuamos a discordar sobre as delimitações exactas dos arranjos, o que sugere que ou os arranjos não existem ou

não podem ser definidos de forma decisiva com o métodos geralmente empregados por pessoas como Waltke e eu. Com base nestes e noutros argumentos menos relevantes, Longman concluiu que, cito, deveríamos voltar a interpretar os provérbios como estruturados aleatoriamente. Fim da citação.

E ele então continuou a interpretar os materiais de Provérbios 10 a 31 versículo por versículo. Longman está ciente de que a sua recusa em aceitar agrupamentos deliberados é, actualmente, uma opinião minoritária. Cito: Nisso me afasto de outros comentários recentes que considero terem imposto, em vez de descoberto, dispositivos estruturantes nesses capítulos.

Gostaria de responder a estes três argumentos um por um. Primeiro, no que diz respeito ao argumento sobre a adição aleatória de repetições variantes. Neste volume aqui, em 680 páginas, demonstrei que a adição de variantes estava longe de ser aleatória na grande maioria dos casos.

Em segundo lugar, relativamente ao argumento de que os critérios de associação são demasiado amplos, defendo que os critérios precisam de ser amplos para fazer justiça ao material sob investigação. Isto ocorre, por um lado, porque grupos de provérbios adjacentes são associados através de muitos métodos diferentes e, por outro lado, porque as associações são relativamente frouxas. Em terceiro lugar, o argumento de que não há consenso sobre a delimitação exacta de muitos agrupamentos parece ser convincente, até, claro, lembrarmos que isto é verdade para a maioria, se não todos, os textos bíblicos, incluindo aqueles para os quais os arranjos estruturais são geralmente aceitaram.

Então, se olharmos para qualquer discussão de qualquer livro bíblico, seja na Carta aos Romanos, no Novo Testamento, ou no Livro de Isaías, em quase qualquer parágrafo, haverá um número X de estudiosos diferentes que irá propor um arranjo estrutural ligeiramente diferente. Então, se isso é verdade para passagens muito óbvias, claras e contextualmente estruturadas, como as Cartas de Paulo no Novo Testamento, muito bem elaboradas, por que não podemos aceitar o mesmo para os materiais de Provérbios? Finalmente, penso que vale a pena salientar que a maioria dos comentários que defendem agrupamentos deliberados apresentam as suas interpretações de qualquer maneira, ainda versículo por versículo. À luz destas considerações, a abordagem de Waltke parece fazer mais justiça aos materiais de Provérbios 10-31 do que Longman permite nos seus argumentos.

Waltke de fato sugeriu que os aforismos salomônicos foram, cito, originalmente destinados a se sustentarem por conta própria e secundariamente coletados como literatura, dando-lhes contextos, citação final. Ele, portanto, interpretou-os de ambas as maneiras, primeiro como versos individuais por direito próprio e, segundo, no que diz respeito ao seu contexto literário em vários agrupamentos. Parece-me,

portanto, que o melhor caminho a seguir é seguir a insistência de Longman de que Provérbios individuais precisam ser interpretados por si próprios.

Isto, no entanto, precisa ser complementado com a percepção de Waltke de que eles agora têm um contexto literário. E as diversas repetições variantes, 223 delas, no livro de Provérbios, que parecem ter sido contextualmente alteradas para se ajustarem perfeitamente onde aparecem agora, como acabei de mostrar em relação a Provérbios 6-8 e 25, e como também irei mostrar em poucos minutos com relação ao capítulo 10, versículo 5, tudo isso sugere, de fato, que devemos contar com agrupamentos contextuais. Mas deixe-me continuar.

Muitos e talvez a maioria dos Provérbios foram originalmente criados como unidades independentes para serem executadas oralmente em diversas situações. No entanto, eles foram agora colocados num contexto literário, e os argumentos num número crescente de estudos, incluindo os argumentos que estou apresentando aqui na minha palestra e no meu livro, mostram de forma convincente que os editores que os compilaram estenderam-se esforço considerável em ligá-los aos versículos circundantes, alterando-os ligeiramente e adaptando-os ao contexto. Na verdade, o presente conjunto de variantes é um exemplo disso, como já mostrei, e agora pretendo mostrar mais em relação ao 10-5.

Pois qualquer que seja a forma que possa ter existido antes da sua inclusão em Provérbios 10, parece ter sido adaptado para se ajustar agora muito bem ao seu contexto atual. Chego agora ao quarto argumento de Longman contra agrupamentos contextuais, meus proverbiais agrupamentos. O quarto argumento de Longman é que mesmo quando versículos adjacentes estão conectados de alguma forma, essa conexão não muda nem enriquece nossa compreensão deles.

Longman usou um exemplo para ilustrar esse argumento. Ele reconheceu que 10-5 foi deliberadamente colocado no seu local atual no livro, citando Provérbios 10, 4-5 como uma boa ilustração da compreensão de que não há dúvida de que provérbios de um tópico semelhante são ocasionalmente agrupados. Cito agora longamente Longman num parágrafo em que ele mostra que os agrupamentos contextuais, mesmo quando existem, não parecem fazer muita diferença na interpretação do significado das partes individuais e não acrescentam mais nada. do que a soma das partes individuais, todas elas juntas.

Deixe-me ler. Este é um parágrafo bastante longo, então tenha paciência comigo. Não há dúvida de que existe uma relação entre os dois versículos.

A primeira estabelece um princípio geral e a segunda é uma ilustração específica de preguiça versus diligência. Mas a questão é: o que os uniu? Foi um dispositivo de estruturação consciente que encerra o livro, como Haim e outros argumentaram? Ele

está falando de mim. Na realidade, porém, este tipo de ligação clara entre provérbios vizinhos é relativamente raro.

A explicação nada mais é complexa do que a de que um dos redatores em algum momento do caminho viu uma conexão e os colocou um ao lado do outro. Em outras palavras, um provérbio agiu como um ímã para a colocação do próximo. Ainda mais importante, e contrariamente a Haim, ler o provérbio no contexto não altera a nossa compreensão de nenhum dos provérbios.

Nem sequer enriquece a nossa compreensão. Citar. Quando escrevi estas páginas, há alguns anos, me diverti muito com elas porque conheço Trempe Longman pessoalmente.

Eu o respeito muito como estudioso. Para ser honesto, tomei isso como um elogio de um excelente estudioso que tem uma visão oposta ao me destacar como um proponente da posição que ele tenta neutralizar. Conversamos sobre isso e rimos disso.

E embora agora responda criticamente a Trempe Longman, faço-o novamente com um elevado nível de apreço pela qualidade do seu trabalho, mesmo onde e quando discordo dele. Então deixe-me começar. Selecionei este longo parágrafo de Longman porque levanta uma série de questões altamente relevantes.

E há mais deles, mas mencionei apenas seis. Primeiro, se não há dúvida, como diz Longman, sobre uma relação entre 10,4 e 10,5, com base no fato de que um é uma ilustração específica do princípio geral declarado no outro, por que os versículos um a três não deveriam também ser relacionados, como eu disse? argumentei em minha monografia de 2001? Em segundo lugar, o que uniu os dois versículos foi de fato, e cito Longman novamente, um dispositivo de estruturação consciente que permeia o livro. Bem, na verdade, é Longman me citando.

Eu citando Longman me citando. De qualquer forma, este dispositivo estruturante é o fenômeno investigado neste livro, nomeadamente que mais de 24% dos versículos de Provérbios estão envolvidos em repetições variantes. E este é um caso em questão.

Terceiro, este tipo de ligação clara não é relativamente raro, mas frequente. Veja, por exemplo, as numerosas ligações entre versos adjacentes apresentadas numa monografia de Ruth Skorolec . Quarto, a explicação para a colocação contextual dos versículos quatro e cinco do capítulo 10 não é que um redator tenha visto uma conexão.

Em vez disso, se o meu argumento de que 10.5 é uma variante relativamente livre de 6.8 estiver correto, então é possível que 10.5 seja uma adaptação consciente da sua

fonte, nomeadamente 6.8, a um novo contexto como um exemplo específico não só de 10.4, mas também de 10.4, mas também de 10.5. 10.1 em particular. Em apoio a esta afirmação, cito agora a minha própria justificação para a delimitação de 10,1 a 5 como um agrupamento deliberado na minha monografia anterior. E, novamente, esta é uma citação bastante longa, então tenha paciência comigo.

Um padrão quiástico de declarações positivas e negativas nos versículos um a cinco combina cada versículo com o seguinte, pois a proposição da segunda linha de um versículo corresponde à primeira dos seguintes. A palavra filho ocorre quatro vezes, cada vez encadernada, duas vezes no versículo um e duas vezes no versículo cinco, formando assim uma inclusão não literal, uma estrutura, um envelope em torno desses versículos. No versículo um, a palavra filho é a inicial da linha.

No versículo cinco, está no final. Os versículos dois a três correspondem em conteúdo e forma, ambos mencionando as palavras justo e ímpio e ambos começando com uma negação, não ou não. E um imperfeito.

Eles exibem quiasmas em diferentes níveis e também quiasmas de ordem de palavras. Os versículos quatro a cinco correspondem em conteúdo, já que a mão preguiçosa e diligente no versículo quatro é explicada como a mão diligente e a preguiçosa no versículo cinco. O filho diligente e preguiçoso no versículo cinco.

O versículo cinco especifica o versículo um, pois o filho sábio é caracterizado como diligente e o filho tolo como preguiçoso. Os versículos dois a quatro estão conectados através da correspondência sem lucro e tornam necessitados, por um lado, e livram da morte e enriquecem, por outro, colocando assim o versículo três no centro de um arranjo quiástico. Agora, com base nos critérios de Longman para postular uma relação clara entre 10,4 e 10,5, podemos conjecturar que existem relações semelhantes entre todos os cinco versos.

Isso me leva ao meu quinto argumento. A hipótese de que 10.5 fornece um exemplo específico da generalização em 10.1 pode ser refinada com o conhecimento obtido acima na discussão do paralelismo em 10.5. Lá, defendo que a natureza imprecisa da correspondência entre um filho competente e um filho vergonhoso aumenta a quantidade de informações contidas na linha poética porque os contrastes imprecisos implicam seus respectivos antônimos na linha oposta. Podemos agora dar um passo adiante.

Se combinarmos isso com a implicação contextual de que o versículo cinco é um exemplo específico do versículo um, porque o filho sábio é assim especificado como sendo diligente e o filho tolo como preguiçoso, então fica claro que o filho competente do versículo cinco é de fato um filho honrado. filho, pois ele é o filho sábio que deleita o pai. Ou seja, ele honra o pai ou o deixa orgulhoso por suas conquistas. Por outro lado, o filho vergonhoso é de fato um filho incompetente.

Ele é um filho tolo que causa tristeza à mãe porque ela se preocupa com ele, versículo um, por causa de sua incapacidade de ganhar a vida por meios honestos, versículos três a quatro. Concluindo, não é que um redator tenha visto uma ligação entre o que é hoje dez-quatro e dez-cinco. Em vez disso, o editor viu o potencial da variante seis-oito para reutilização como material introdutório para ligar os provérbios um a nove e os provérbios dez um a vinte e dois, bem como funcionar para educar o filho no seu contexto original.

Ele então criou uma conexão não apenas entre dez e cinco e dez e quatro, mas também, e mais importante, entre dez e cinco e dez e um e os outros versos intermediários. O versículo 10:5 foi adaptado ao contexto em que aparece agora. Nesse sentido, dez um às cinco é como uma aplicação no mundo real dos seres humanos de Provérbios seis, um às onze.

Isto leva-me ao sexto e último ponto em resposta à crítica de Longman ao significado interpretativo dos agrupamentos deliberados. As considerações do ponto anterior sugerem que a leitura do provérbio no contexto muda e enriquece a nossa compreensão dos provérbios ou dos provérbios deste agrupamento. Combinando as observações que fiz anteriormente sobre paralelismo e contexto, podemos agora ver que seis-oito, que na opinião de muitos pertence a uma das últimas partes do livro, serviu de facto como fonte para 10:5, também uma parte final do livro.

Existem duas razões adicionais para a conclusão de que dez-cinco é uma repetição variante. Primeiro, outras variantes estão localizadas nas proximidades. Em segundo lugar, embora dez e cinco seja quase reconhecível como uma variante de seis e oito, o número de diferenças que exhibe e a forma como essas diferenças interagem com o contexto nos versículos dez um a cinco sugerem que é derivado de seis. oito.

Então, eu sei que este foi um argumento mais amplo, detalhado, muito estruturado e longo, mas espero que tenha valido a pena por uma série de razões. Ao longo destas palestras, tenho argumentado que precisamos ler poesia bíblica com imaginação, e tentei argumentar também que ler com imaginação não é um empreendimento fantasioso, mas que exige uma análise diligente, cuidadosa e sistemática que, no entanto, não não fique preso aos detalhes, mas passe dos detalhes para o quadro mais amplo com uma interpretação imaginativa de todos os vários aspectos e detalhes de cada verso. E o que espero ter conseguido mostrar nesta seção de abertura dos capítulos dez a trinta e um é que esse agrupamento editorial por meio da repetição de variantes e da adaptação ao contexto desses versículos iniciais criou para nós um modelo, um agrupamento proverbial que recompensa uma leitura cuidadosa de tal forma que realmente aprimore, enriqueça e crie uma interação fascinante e significativa entre vários provérbios nas sequências como grupos em que agora aparecem.

Portanto, encerro o meu caso, mas nas palestras seguintes continuarei a chamar a atenção para agrupamentos, contexto e interpretações imaginativas e também aplicações dos provérbios nos capítulos 10 a 29.